Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 105 | Abril de 1976 | Ano XI

exacerbação fascista

Cada vez mais exasperada, a ditadura prossegue na escalada repressiva. Vê fantasmas por todos os lados e perigos em todos os cantos. Na ânsia de defender o sistema condenado pela maioria da nação, repisa velhos slogans e tenta intimidar opositores.

Nestas últimas semanas, cassou o mandato de mais três deputados federais, entre os quais Lisâneas Maciel, combativo parlamentar emedebista; reforçou a censura ao rádio e à televisão; proibiu palestras e conferências de democratas; prendeu estudantes e vários jornalistas ou intimou-os a depor no DOPS; cerceou atividades estudantis.

Em particular, a fúria voltou-se contra elementos do MDB. A menor crítica ao Sistema, de parte dos membros dessa agremiação moderada, é tida como ofensiva e inadmissível. Vigiam-se os passos e os discursos de seus representantes mais ousados com o objetivo de enquadrá-los no AI-5. Embora a direção desse partido não se canse de repetir que jamais fez contestação, o governo ataca-o constantemente e declara-o a serviço do saudosismo e da subversão.

E as coisas não param por aí. Os militares andam de cara amarrada e espalham notícias alarmistas de cassações em massa, de suspensão das eleições municipais, de censura mais rigorosa, até mesmo de fechamento do Congresso. "Não permitiremos desafios" é o que se ouve frequentemente dos círculos castrenses, ainda que não haja provocações

A causa dessa exacerbação fascista é o agravamento continuado da situação econômico-financeira do país, o completo fracasso da política e dos planos ditatoriais. O "milagre" brasileiro resultou num fiasco. Agora, acentuam-se a queda na produção, os déficits no balanço de pagamentos, a inflação, acompanhados de desemprego, carestia e rebaixamento do nível de vida das grandes massas. A crise assume vasta dimensão e está apenas no começo. Em consequência, o descontentamento entre a população se estende, assim como a repulsa generalizada ao regime antinacional e antipopular.

Os generais temem o extravasamento desse descontentamento que põe em xeque a existência do Sistema, receiam o crescimento incontrolável das forças de oposição, mesmo da consentida. Tratam por isso de impedir quaisquer manifestações do sentimento do povo e de liquidar os prováveis centros polarizadores da aversão ao regime. As eleições do fim do ano aparecem-lhes como sério risco, uma vez que seu resultado, sobretudo nos grandes centros, está destinado a exprimir repulsa maciça ao governo. Daí, as arremetidas repressivas e as ameaças de maior endurecimento no campo político, ameaças que se podem efetivar.

Apesar de pretender demonstrar força, esse frenesi governamental reflete medo. Medo que os generais têm de perder o controle da situação, de ver sossobrar o barco avariado da quartelada de 1º de abril de 1964. Em desespero, brandem as armas, confabulam nas casernas e apregoam que a "revolução" vai continuar, custe o que custar. Todavia, nenhum regime se sustenta apoiado somente na força. É uma lei

da história.

O povo brasileiro quer acabar com o arbítrio que conduziu o Brasil a uma situação calamitosa. Não se deixará amedrontar nem impressionar com a truculência de Geisel e seus sequazes. Intensificará sua unidade e sua luta, arvorando a bandeira da liberdade e da independência nacional, defendendo seus interesses vitais. Mais forte do que a reação, é um povo decidido a conquistar seus direitos.

Basta de generais! Basta de ditadura!

REGIME MILITAR NA ARGENTINA (CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4)

Ainda que na linha geral dos militares platinos se destaquem certos aspectos peculiares àquele país, em essência, a orientação não difere da que vem sendo aplicada no Brasil e em outras nações do Hemisfério. É certo que nas Forças Armadas da Argentina há divergências e que alguns setores empenham-se em promover uma união nacional reacionária que procure harmonizar diversas tendências dentro de um modelo político pré-fabricado. Os revisionistas argentinos estão conluiados com esses setores, desde já difundem a palavra de ordem de governo de coalizão cívico-militar. Por isso elogiam o golpe deixando à mostra sua catadura de renegados da revolução. Também o elogiam Cuba e a União Soviética. Os checoslovacos, submissos, chegaram ao despudor de dizer que a ação militar visava a combater os extremismos e a subversão. Bajulando os generais, todos eles tentam tirar proveito das circunstâncias. Contudo, a dinâmica do golpe e seus fins conduzem a outras perspectivas - ao aprofundamento da contra-revolução que não poupa nem mesmo os reformistas e ao maior entrosamento da Argentina no "mundo ocidental e cristão".

A consumação do golpe e os projetos que encerra, no entanto, não significa que os generais consigam levar a termo seus objetivos. O povo argentino dirá a última palavra. Já uma vez derrocou a ditadura militar. A classe operária, sobretudo, deu provas de grande combatividade. Nestes três anos de insucessos do peronismo, as massas fizeram proveitosa experiência, comprovaram, na prática, que essa não era a solução para os seus problemas. Embora não se tenham reagrupado completamente sob novas lideranças, buscam o verdadeiro caminho, que o marxismo-leninismo há de iluminar e desbravar. O alvo de sua luta, agora, está mais claro e definido. Seguramente, não darão tréguas à ditadura, isolarão os militares e seus acólitos, levarão adiante o grande combate - no qual também estão envolvidos o povo brasileiro e demais povos latino-americanos - pela conquista da democracia popular e da libertação nacional.

Os comunistas do Brasil expressam sua solidariedade aos camaradas do Partido Comunista (marxista-leninista) da Argentina, uma das primeiras vítimas da truculência golpista, e confiam que saberão superar todas as dificuldades para cumprir seu glorioso papel de vanguarda. Manifestam a esperança de que nossos povos estreitarão mais ainda os laços de fraternidade na ação pertinaz, dura e difícil, que estão chamados a realizar contra os inimigos comuns.

~~~~~~

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3 (INVENCÍVEL BANDEIRA DE LUTA)

a necessidade de mobilizar ativamente as massas, superar as deficiências, reforçar a vanguarda proletária.

Persistindo na luta, o movimento popular acabará triunfando e realizando os nobres ideais por que lutaram e lutam bravamente homens e mulheres daquela longínqua e desamparada região da Amazônia.

. . .

RÁDIO TIRANA -	Das 20 às 21 horas Das 22 às 23 horas	Ondas de 31 e 42 metros
RÁDIO PEQUIM -	Das 19 às 20 horas Das 21 às 22 horas	Ondas de 19, 25 e 42 metros
~~~~~~

Invencível Bandeira de Luta

12 de abril assinala mais um aniversário do início da resistência armada do sul do Pará. Em 1972, nessa data, tropas do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar de Goiás e do Pará, numa vasta operação, atacaram moradores da região do Araguaia. Estes, que desde há muito vinham lutando contra os grileiros e a violência policial, não se deixaram atemorizar. Organizaram-se em grupos armados para defender suas vidas, enfrentaram corajosamente a ditadura. Com seu denodo escreveram uma das mais belas páginas das lutas populares no Brasil.

A vasta operação militar, montadas com requintes de perversidade, visava a submeter os que se opunham à grilagem e aos desmandos da reação e abria caminho à ocupação da Amazônia por grupos poderosos, em especial estrangeiros, ansiosos de explorar suas riquezas e de se apossar de imensos domínios territoriais. Objetivava igualmente esmagar toda tentativa de resistência ao regime ditatorial que, desde 1964, oprime o povo brasileiro. Seu alvo principal eram os homens e mulheres mais esclarecidos e combativos da região, os quais deveriam ser liquidados fisicamente para servir de escarmento a todos os que não se conformam com a tirania e com as injustiças sociais.

Desigual, tremendamente desigual foi a luta travada. De um lado, milhares de soldados equipados com armas sofisticadas, dispondo de aviões e helicópteros, sob o comando de oficiais treinados nos Estados Unidos. De outro lado, o "povo da mata", portando velhas carabinas e espingardas de caça, facas e facões da labuta diária. Da parte do governo, a violência indiscriminada, a atrocidade sem limites contra as pessoas simples do interior. Da parte dos agredidos, a solidariedade e ajuda mútua, a calorosa simpatia da população.

Apesar da desigualdade material, os guerrilheiros do Araguaia não se submeteram nem capitularam. Os militares, arrogantes e truculentos, pensavam dominá-los rapidamente. Enganaram-se. Embora os combatentes do povo tivessem sofrido perdas, muitas delas sensíveis, por falta de experiência, mantiveram-se firmes no combate, resistiram a várias campanhas do inimigo. Provaram ser lutadores consequentes das massas pobres do campo, gente disposta a qualquer sacrifícios em defesa de uma causa justa.

A bandeira que levantaram continua no alto. Mesmo que temporariamente a guerrilha haja retrocedido, os ideais que encerra estão bem vivos e atuantes na consciência dos lavradores, do campesinato de todo o país, dos patriotas e democratas que não se sujeitam ao regime opressor e sanguinário dos generais vende-pátria. A heróica resistência dos moradores do sul do Pará é um chamamento vigoroso às populações abandonadas e perseguidas do interior brasileiro, às massas populares que sofrem nas cidades, para se erguerem na luta decidida contra os opressores e traidores da nação. Quanto mais a ditadura persiste em sua política de fome, barbarismo e submissão ao capital estrangeiro, de ajuda à expansão do latifúndio que priva os lavradores de terra para trabalhar, maior é a ressonância daquele apelo gravado com sangue. Cada vez fica mais claro que somente através da luta armada, da guerra popular, os milhões de camponeses carentes de todo recurso tornarão realidade suas sentidas aspirações e a nação brasileira se libertará do jugo dos trustes imperialistas, da velha oligarquia reacionária, da tutela dos militares fascistas.

A resistência dos guerrilheiros da selva paraense tem profundo significado para as forças democráticas e patrióticas. Primeiro passo de uma longa caminhada, constitui um marco destacado da grande jornada pela libertação nacional, jornada cheia de dificuldades, de avanços e de recuos até a conquista da vitória. Ela assentou uma premissa correta - que o combate será fundamentalmente no interior; demonstrou uma verdade - que a guerrilha de massas espalhando-se pelas imensas áreas interioranas do país tornar-se-á invencível. Da luta guerrilheira há de surgir o exército popular, adestrado em mil batalhas, capaz de assestar golpes demolidores nas forças da reação e libertar a pátria de seus piores inimigos.

Neste quarto aniversário da resistência armada do sul do Pará, mais convencidos ainda estão os revolucionários, os patriotas e democratas, da importância de unir o povo e de se prepararem em todos os terrenos para levar adiante a tarefa de derrubar a ditadura militar-fascista. O exemplo glorioso das Forças Guerrilheiras do Araguaia inspira os combatentes da liberdade e dos direitos do povo. E coloca na ordem do dia

CONTINUA NA PÁGINA 2

Regime Militar na Argentina

Aproveitando-se dos fracassos e da desintegração do peronismo, da incapacidade e corrupção reinantes no governo de Maria Estela de Peron, os gorilas argentinos desencadearam outro golpe militar. Eles que há três anos se viram obrigados a abandonar o Poder escorraçados pelas massas populares, voltam novamente à cena política, travestidos como sempre de salvadores da pátria e de expoentes da moralidade administrativa. Mais uma ditadura instaura-se, assim, na América Latina e, com ela, fecha-se o círculo dos governos castrenses na parte mais ao sul do Continente.

As primeiras medidas adotadas pelos militares definem o sentido do golpe. Dissolveram o Parlamento, suspenderam a atividade dos partidos políticos, interditaram as organizações de cunho revolucionário, intervieram nos sindicatos. Decretaram a censura e proibiram reuniões. O alvo principal de seus ataques são os marxistas-leninistas, as forças de esquerda em geral e o movimento sindical. Trata-se de um golpe essencialmente contra-revolucionário, que se enquadra na estratégia mundial do imperialismo norte-americano e responde aos interesses da velha oligarquia platense.

Não é a repetição de anteriores pronunciamentos de quartel. Tem uma conotação diferente, está relacionado com o agravamento da situação internacional e com o beco sem saída em que se encontram os regimes carcomidos desta parte do Hemisfério. Embora os generais acenem com "posterior instauração de uma democracia republicana" - porque sabem que a nação argentina repudia o regime militar e temem rápida e adversa polarização de forças - seus objetivos são bem outros. Pretendem permanecer no Poder por longo período e bloquear, em definitivo, o caminho da volta a um sistema democrático de governo.

Esta a atual orientação do imperialismo ianque e das forças reacionárias latino-americanas. Ela exclui toda utilização de processos democráticos, toma a liberdade como nociva à ordem pública e preconiza o governo direto das Forças Armadas. É uma orientação para enfrentar o crescimento do movimento popular e revolucionário que amadurece nestas plagas. Através da repressão sangrenta e de um desenvolvimento dependente, apoiado no capital estrangeiro, as classes dominantes da América Latina tentam desesperadamente uma saída para as suas dificuldades. Afundam-se, no entanto, numa crise ainda maior e mais grave.

A burguesia argentina chegou a buscar outra solução. Perdendo terreno em vários lugares e premida pelo expansionismo brasileiro, recorreu ao peronismo na esperança de alcançar a concórdia nacional e conseguir um desenvolvimento, em certa medida terceiromundista, que lhe permitisse ocupar posições relevantes no Continente. As tentativas reformistas de Peron morreram no nascedouro. E era inevitável, porque os problemas com que se defronta a Argentina e, em geral, a América Latina, exigem a revolução, não podem ser resolvidos nem mesmo amenizados por meio de reformas de pequeno alcance que não removem as causas do atraso, da crise crônica, nem a dependência ao imperialismo.

Fracassado o governo peronista, a Argentina incorpora-se ao modelo comum reacionário-ianque. Já antes de chegar à Casa Rosada, o general Videla anunciava seus propósitos banditescos na Conferência dos Chefes de Exército do Hemisfério realizada em Montevidéu: "Morrerão tantas pessoas quantas sejam necessárias, na Argentina, até que consigamos eliminar definitivamente a ameaça da subversão". E da palavra passou aos atos. Dezenas de patriotas já foram assassinados por motivos políticos. A famigerada AAA está em plena ação. Os militares diziam, até há pouco, que essa organização sinistra era de inspiração lopezreguista. Os fatos mostram que não era somente de invenção de "El brujo", mas principalmente dos serviços de inteligência das Forças Armadas. No campo econômico-financeiro, soam fortes os apelos ao capital estrangeiro e adotam-se normas para combater a inflação à custa dos trabalhadores e das massas populares. O arrocho salarial entra em vigor. Em matéria de política externa, afirma-se que a Argentina "se insere no mundo ocidental e cristão", o que significa ao lado dos Estados Unidos. Nem bem os generais chegavam ao Poder, o ministro da Marinha do Brasil viajava a Buenos Aires a fim de discutir a chamada defesa do Atlântico Sul de particular interesse nos planos de domínio mundial dos monopolistas norte-americanos. Acertam-se medidas para o combate comum na América do Sul aos movimentos populares e revolucionários considerados como o inimigo número um.

CONTINUA NA PÁGINA 2

Continuação da página 5

Nessas circunstâncias, é literal e perfeitamente correto afirmar que os marxistas-leninistas, ao reorganizarem seu querido e tradicional destacamento político, de tipo leninista, teriam de nadar contra a corrente. Sem embargo, eles o fizeram. Sua primeira grande vitória consistiu em desbaratar a mais perigosa tentativa, feita por Prestes e seus adeptos, de liquidá-lo como organização revolucionária, de convertê-lo num partido social-democrata a serviço da burguesia. Aqueles renegados, que não contavam com a inabalável resolução dos comunistas, sofreram contundente derrota. Impotentes, mas ainda cheios de arrogância, os revisionistas vaticinaram que o PC do Brasil não duraria seis semanas, logo desapareceria. No entanto, fadado a desaparecer estava o Partido reformista de L.C. Prestes. Com efeito, ao renegar o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário, a pretexto de tática, ao procurar manter-se nos quadros da "legalidade" imposta pelas classes dominantes, ao abandonar a linha e as tradições revolucionárias do proletariado, os prestistas terminarão fatalmente num ajuntamento sem préstimo. Tanto assim que hoje, por mais que blasonem sucessos eleitorais inexistentes e teimem em permanecer na cena política, não passam de duendes maléficos, dos quais todos querem estar bem longe.

Com a reorganização, inaugurava-se uma nova fase na vida do Partido Comunista do Brasil. Sem dúvida mais atribulada que as anteriores, mas não menos rica de entusiasmo, de esperanças, de abnegação. A reestruturação significou uma mudança de qualidade, a fisionomia e o espírito da organização partidária impregnaram-se de maior conteúdo revolucionário. Ao ver-se livre da corja revisionista, ao absorver e ostentar o passado positivo, o Partido procurou, ao mesmo tempo, rejeitar os erros e superar a proverbial incoerência da conduta política, que fora o traço comum negativo da orientação imprensa por Prestes. Pôde, desse modo, a Conferência Extraordinária, aprovar o Manifesto-Programa, expressão da força que o marxismo-leninismo adquirira no país e dos verdadeiros propósitos, dos rumos da ação política a que se propunha o velho e glorioso Partido. Enfim, com sua reorganização, o Partido deu o passo decisivo no sentido de transformar-se na arma insubstituível do proletariado para dirigir a revolução e conquistar o Poder político, corroborando a experiência do movimento comunista de que a organização de vanguarda da classe operária, a fim de cumprir o seu papel, tem de depurar-se de tudo quanto for oportunista, arrivista e estranho aos seus objetivos. Os marxistas-leninistas brasileiros, ao apresentarem-se com sua declaração programática, com uma firme posição de princípios no terreno organizativo, dispostos a unir-se com todos os sinceros defensores da causa do proletariado e do socialismo, na base de uma linha política revolucionária, e possuindo um núcleo central experiente, bastante apetrechado teórica e politicamente, demonstravam estar preparados para levar adiante sua histórica tarefa.

Nos dois anos decorridos entre a reorganização do Partido e o golpe militar contra-revolucionário de 1964, anos particularmente ricos nos mais diversos aspectos da atividade social e política, as diferentes classes e seus agrupamentos políticos representativos expuseram suas teses, confrontaram suas linhas de conduta, passando-as pelo crivo da prática. Inegavelmente, o Partido Comunista do Brasil foi o que melhor apreciou os acontecimentos e advertiu acerca de seu desfecho. E quando sobreveio o golpe, analisou com justeza a situação que se criava no país, tirando as lições indispensáveis da derrota do movimento popular dirigido pelo nacional-reformismo e pelo revisionismo e efetuando a retirada de seus efetivos de modo ordenado e com menos perdas.

Com a implantação do regime militar, iniciou-se o mais duro período da vida do povo brasileiro e, consequentemente, também do Partido. Embora os comunistas tivessem atuado durante os oito anos do Estado Novo (1937/1945) e recebido severos golpes, chegando mesmo a ver-se temporariamente acéfalos, jamais haviam conhecido uma perseguição tão desenfreada e selvagem quanto a movida pelos generais reacionários e fascistas contra as organizações revolucionárias. Os órgãos de repressão tentam não só a destruição política mas principalmente física dos integrantes das forças da oposição popular, em especial dos comunistas.

O Partido não se intimidou, procurou explicar a nova situação, o processo de fascistização e de recolonização do país por parte do imperialismo norte-americano, denunciou o perigo que, com a instauração da ditadura militar, pairava sobre o presente e o futuro da pátria. Já em 1966, na sua VI Conferência Nacional, traçou a tática da união dos patriotas para a luta pela derrubada do regime dos generais, num documento corajoso, de extraordinário valor e grande atualidade. A partir de 1969, quando a nação passou a enfrentar uma conjuntura ainda mais difícil e complexa, com a acentua-

tica represente qualquer ameaça no Oriente ou no Ocidente ou que projete atacar outros países. Contestou igualmente ter aumentado a produção de armas, pois os governantes soviéticos se dedicam a "elevar o bem-estar do povo".

Com a finalidade de incitar o frenético coro antichinês do Congresso, Brezhnev reservou em sua arenga um capítulo especial à China, acusando-a de belicosa, de executar uma política dirigida contra a "maioria dos Estados Socialistas". Apontou o "maoismo" como o principal inimigo, embora, hipocritamente, advertisse estar disposto a manter a luta contra o mesmo no terreno dos "princípios".

Dessarte, o XXV Congresso não conseguiu velar seus reais objetivos nem camuflar o significado da "paz soviética". Brezhnev não atou os cabos ao tentar impingir sua política de "détente" como a única maneira de salvar a paz, e ao turvar as águas indicando a China de Mao Tsetung como a promotora da guerra. Não é de hoje que os revisionistas procuram confundir os povos e negar o caráter agressivo do imperialismo norte-americano, seus planos de hegemonia mundial. A seu modo de ver, o caminho da paz está no entendimento e na colaboração com os Estados Unidos. Bastaria apenas que os "reacionários", ou os "círculos influentes" desse país fossem isolados e derrotados, para que a paz reinasse na terra. Portanto, colaboração, "détente", apaziguamento com os imperialistas ianques sensatos - eis o leit-motiv dos social-imperialistas. Em contrapartida, os comunistas chineses seriam o verdadeiro perigo. Segundo teses revisionistas soviéticas, o caráter da sociedade socialista da China é guerreiro. Como se vê, esse é um procedimento de embusteiros. Querem fazer passar gato por lebre, desorientar a opinião pública. Procuram ocultar que a causa maior do perigo de guerra na atualidade reside no aguçamento da disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia mundial, fontes de matérias-primas, esferas de influência e posições estratégicas. É inegável que entre as duas superpotências existem contradições que tendem a se acentuar e podem levar à guerra. Tanto assim que ambas se empenham numa desenfreada corrida armamentista e reforçam seus bastiões militares e políticos em toda parte. Na Europa, por exemplo, apesar da conversa fiada sobre a "détente", a União Soviética jamais perdeu uma oportunidade de expandir seus ganhos, pois sabe ser o continente europeu crucial em seus planos hegemônicos. Também por mais que sofisme, o fato é que o orçamento de guerra do Cremlin não diminuiu e sim cresceu. Os marechais revisionistas armazenam armas de todo tipo, especialmente as de ataque. Chegam mesmo a anunciar, em forma de chantagem, que são capazes de produzir engenhos mais mortíferos do que os que já possuem. A Marinha Soviética expande-se consideravelmente e tem nítido caráter ofensivo. A indústria e o comércio de armamentos da URSS são dos mais lucrativos e prósperos, ombreando-se nesse terreno com os dos Estados Unidos. O governo egípcio vem de denunciar a catadura do social-imperialismo como mercador de armas, que cobra adiantado ou recebe juros extorsivos pelas dívidas resultantes desse negócio macabro.

Comparemos as juras de amor e eterno entendimento com os Estados Unidos ao comportamento dos revisionistas com a China a fim de aquilatar a vileza da atitude soviética, a mais indigna que se possa imaginar. O pisoteio, o menosprezo ao grande país socialista da Ásia e baluarte da revolução mundial começou assim que Kruschov e sua camarilha usurparam o poder na União Soviética. Não admira pois que Brezhnev continue a injuriar a China e tenha mandado atacá-la, que concentre centenas de milhares de soldados em sua fronteira, promova constantes provocações e atos de espionagem contra ela, e, por meios diplomáticos, envide tudo para pressioná-la e cercá-la. Isso comprova ser a URSS um país social-imperialista que não pode suportar como vizinha uma nação socialista, independente, soberana. Mas a pacífica pátria de Mao Tsetung nada deve aos social-imperialistas e jamais os temeu. Assim, continuará desmascarando-os e lutando para formar a indispensável frente-única dos povos contra o neocolonialismo e o hegemonismo das duas superpotências.

O INTERNACIONALISMO REVISIONISTA

Sem se dar por achado, Brezhnev apregoou no XXV Congresso o internacionalismo revisionista como sendo o internacionalismo proletário, presumindo que os povos não têm memória e que é possível passar de contrabando essa intrujice. Para cúmulo do cinismo, apresentou o exemplo de Angola como a última manifestação dessa fraude. "Agimos em Angola - disse - segundo os ditames de nossa consciência revolucionária". Jurou de mãos postas que a União Soviética não procura benefícios para si, não aspira ao predomínio político nem pede bases militares. Faz exatamente o que procura negar. Sem dúvida, o exemplo de Angola é o último e o mais típico de uma série de escandalosos atos de trai-

ção do caráter terrorista e policial da ditadura, foi novamente o Partido que apontou a melhor saída para o povo, desenvolvendo a idéia da luta armada, através do caminho da guerra popular. É que se convencera profundamente de que, para desfazer-se de seus exploradores e opressores, os patriotas e democratas teriam de travar uma luta cruenta e prolongada, começando por pequenos núcleos guerrilheiros, no interior; precisariam unir-se ampla e solidamente, na base da aliança operário-camponesa; deveriam contar com a direção do proletariado e de seu partido de vanguarda, o Partido Comunista do Brasil. Por isso, o Partido apelou para seus militantes a fim de que se ligassem firmemente às massas, se empenhassem na revolucionarização de suas fileiras, o que significava romper com todos os empecilhos à sua atividade, aprimorar suas qualidades morais e de combate, entregar-se de corpo e alma ao serviço do povo e da revolução. E quando surgiu a boa nova da luta dos moradores e patriotas do sul do Pará, que organizaram destacamentos guerrilheiros para resistir à ofensiva dos grileiros e do Exército reacionário, foi o Partido o primeiro a proclamar bem alto que se identificava com essa resistência armada e a indicar ser esse o verdadeiro caminho a trilhar pelo povo brasileiro, se quisesse conquistar a liberdade e a justiça social.

Não por acaso, os generais fascistas consideram o Partido Comunista do Brasil seu adversário mais consequente e contra ele concentram seu ódio, procurando aniquilá-lo de todas as maneiras. Depois de terem, entre fins de 72 e princípios de 73, abatido quatro dos melhores dirigentes do Partido e aprisionado centenas de seus militantes, as forças da repressão buscam desferír-lhe golpes mortíferos. Recentemente, um outro abnegado membro da direção do Partido caíu nas garras do inimigo e "desapareceu". Também dezenas de camaradas foram detidos. Não é preciso dizer o quanto todos sofreram sob as torturas, nem em que condições se encontram nos cárceres da reação.

O Partido percebe os crescentes e graves perigos que rondam sua existência. Sabe que, na medida em que o povo vai ficando farto da ditadura militar, mais os generais se aferram ao Poder. O impasse é evidente. De nada adiantarão manobras demagógicas e escaladas repressivas. A repulsa à ditadura e a convicção de derrubá-la aumentam. Isto abre maiores possibilidades para despertar e mobilizar as massas. Cabe, porém, aos comunistas dominar com mestria a tática do Partido, aprender a trabalhar de maneira nova, com métodos corretos, combinando com habilidade o trabalho legal com o ilegal, aplicando com o máximo rigor, sem liberalismo, as normas do trabalho clandestino. A defesa do Partido e o desenvolvimento de sua atividade prática, revolucionária, são atualmente um problema político primordial; exigem a elevação do nível de toda a atuação político-partidária, sobretudo o aguçamento da vigilância e o aprimoramento da têmpera ideológica, a fim de que o título de comunista e o nome do Partido se tornem ainda mais enaltecidos na luta sem tréguas que as forças populares e patrióticas travam contra a ditadura militar-fascista.

Ao completar quatorze anos de sua reorganização, o Partido Comunista do Brasil sente-se orgulhoso da estrada percorrida desde a realização de sua Conferência Nacional Extraordinária. Como nos períodos anteriores, a constante desta nova fase tem sido a luta revolucionária para preservar seus princípios e executar sua correta linha política. Avançou no estudo da realidade brasileira e na abordagem do processo real, procurando integrar cada vez mais a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução no país. Vem incorporando às suas fileiras os marxistas-leninistas e defendendo a necessidade de um partido único e coeso da classe operária, pois, como ensinou Lênin, "na época da revolução social, a unidade do proletariado só pode ser realizada pelo partido marxista revolucionário, avançado". Mantém com firmeza sua bandeira, em meio a todas as adversidades, apontando o caminho da unidade e da luta aos patriotas, às forças progressistas, sendo por isso reconhecido, a cada dia, como o único Partido à altura de orientar o povo nos embates pela conquista da liberdade e da independência nacional.

O Partido Comunista do Brasil continuará a dar, em quaisquer circunstâncias, provas de sua capacidade em preservar suas forças e em revigorá-las, porque nutre absoluta confiança no proletariado e no povo, guia-se pela doutrina invencível do marxismo-leninismo, conserva-se fiel ao internacionalismo proletário. Sua causa é justa. Sob sua direção, a revolução brasileira triunfará.

tos do Brasil e acha-se envolvida em negócios de vulto, como o da construção da Usina Hidrelétrica de Capivara. No acordo comercial de março de 1975, a superpotência social-imperialista abriu crédito ilimitado à ditadura a fim de facilitar a compra de mercadorias soviéticas.

Aprendemos dessa forma a distinguir o verdadeiro internacionalismo proletário do falso, a ver no tão celebrado internacionalismo revisionista soviético a carantonha do chovinismo grão-russo, dos apetites tzaristas. A causa do internacionalismo proletário caracteriza-se, hoje, antes de tudo, pela luta sem tréguas para impedir que a União Soviética e os Estados Unidos se intrometam em toda a parte procurando tirar proveito e submeter os povos a seu domínio. Cada povo tem o direito e o dever de tomar seu destino em suas próprias mãos. E isto só pode ser alcançado no combate ao imperialismo, ao neocolonialismo e ao hegemonismo, bem como pela igualdade efetiva das nações.

FALSOS ÊXITOS ECONÔMICOS

No XXV Congresso, a exaltação dos êxitos econômicos tomaram muito tempo e papel. Brezhnev, Kossiguin e seus comparsas diligenciaram em mostrar os elevados índices da produção de aço, petróleo, fertilizantes etc. Os burocratas e tecnocratas quiseram, assim, provar sua eficiência. Mas ao se referirem à agricultura, aos bens de consumo e a outros aspectos da economia e da vida social, a camarilha revisionista mudou de tom. É que os índices nesses setores já não podiam ser manipulados facilmente. São conhecidas, por exemplo, as espetaculares importações de trigo dos Estados Unidos e do Canadá. Por sua vez, os turistas estrangeiros constatam que mesmo em cidades como Moscou, Leningrado e outras, abastecidas preferencialmente, o pão escasseia, os artigos de primeira necessidade são de má qualidade e insuficientes. E assim por diante. Os chefetes revisionistas tiveram, portanto, de admitir parcialmente seu fracasso, confessando que suas promessas não foram cumpridas. Não obstante, sacudiram a responsabilidade para outros ombros, mais em baixo, foram buscar bodes expiatórios nos "órgãos centrais desses setores" que "parecem ter subestimado a importância política" de suas tarefas. E como tal importância deve ser compreendida? Segundo Brezhnev, a solução para o problema da agricultura e da abundância de bens de consumo está em maiores investimentos e mais eficiência administrativa. Mas esta é a solução típica de burocratas e tecnocratas empedernidos. Desse modo, não se toca na questão da natureza do regime, da política seguida. Ora, enquanto o regime for burguês-burocrático e sua orientação estiver voltada para satisfazer a minoria privilegiada, acelerar a corrida armamentista, reprimir os adversários, os revisionistas podem gastar os rublos que quiserem, mudar os ministros e burocratas que bem entenderem, fazer as promessas que fizerem - a situação continuará se agravando. Indiscutivelmente, para que as massas trabalhadoras soviéticas possam ver satisfeitas suas necessidades vitais, precisam tomar a palavra e agir, enfrentando a camarilha traidora.

De qualquer forma, ficou evidente que as jactanciosas promessas de implantação do comunismo em vinte anos, feitas por Kruschov no XXII Congresso, foram diplomaticamente deixadas de lado, assim como seu patrocinador, considerado "subjetivista" ou trapalhão. Os novos projetos são anunciados agora com "mais realismo". Astutamente, Brezhnev silencia sobre os decantados objetivos programáticos dos anteriores congressos revisionistas. No entanto, na prática, a direção da URSS continua enamorada do modo de vida norte-americano, louca por conseguir empréstimos nos Estados Unidos e negociar de igual para igual com seus banqueiros e monopólios que já se instalam em profusão nas terras soviéticas. O modelo capitalista ianque é a quintessência da civilização sonhada pelos revisionistas de Moscou. Torna-se quase impossível esconder a evidência de que o atual desenvolvimento econômico da União Soviética é capitalista-burocrático. Em consequência, jamais poderá atender os interesses das massas, satisfazer seus anseios, incentivar sua participação nas decisões políticas e na distribuição da renda nacional. Tampouco contribuirá para o seu progresso espiritual e cultural. O grande Lênin, fundador do Estado Soviético, e Stálin, seu discípulo e continuador, sempre defenderam o ponto de vista de que a condição indispensável para o progresso político e social das massas reside na existência da ditadura do proletariado, a qual deve ser mantida até a abolição das classes, até a extinção do Estado. Foi precisamente a ditadura do proletariado que os revisionistas repudiaram quando usurparam o Poder na URSS. Eles acabaram restaurando e implantando a ditadura burguesa, sob o rótulo de "Estado de todo o povo". Vieram abaixo, assim, paulatinamente, pacificamente, as imensas conquistas socialistas argamassadas com o sangue e o sacrifício de milhões de lutadores, tanto soviéticos como de outros países. Para recuperar essas conquistas e avançar no caminho do comunismo é imperativa e urgente uma nova revolução proletária.

CONTINUA NA PÁGINA 9

Exemplo de Firmeza Proletária

No dia 30 de agosto de 1975, Armando Teixeira Frutuoso (nosso querido camarada Juca) foi localizado e preso pelos esbirros da ditadura. Seu nome constava da "lista negra" que incluía numerosos patriotas, democratas e revolucionários, condenados à morte, clandestinamente, pelos generais fascistas que usurparam o Poder no Brasil. De há muito era ele procurado pelos facínoras fardados. Estes temiam e odiavam sua atividade junto ao povo em prol da liberdade, contra a opressão ditatorial, pela derrubada da ditadura e implantação de um governo popular revolucionário que abra a ampla estrada da completa libertação nacional do país e do progresso social das grandes massas. Sabiam de sua pregação visando a mobilizar as forças patrióticas, democráticas e populares, e do incessante trabalho que desenvolvia objetivando a unidade e organização dessas forças na luta pela revogação das leis repressivas, pela anistia a todos os presos e perseguidos políticos e pela convocação de uma Assembléia Constituinte, livremente eleita pelo povo - premissas necessárias a uma real volta ao chamado Estado de Direito. Odiavam-no, ainda mais, por saberem-no membro e dirigente do glorioso Partido Comunista do Brasil, sob cuja orientação trabalhava e ao qual dava o melhor de seus esforços. Era, pois, um revolucionário conseqüente. Sua atividade não podia ser tolerada pelos generais; sua preciosa existência precisava ser apagada do mundo dos vivos. No entanto, preso, de Armando Frutuoso a reação não queria apenas a vida. Desejava, antes, desmoralizá-lo, aviltá-lo, exigindo-lhe a denúncia de nomes e da atividade de patriotas e democratas que, em algumas organizações de massas e políticas, não se dobram à opressão. Exigia, principalmente, a revelação de nomes, endereços e atuação de seus companheiros comunistas, e as ligações que com eles mantinha. Negou-se a dar qualquer informação que pudesse prejudicar quem quer que fosse ou ferir os sagrados interesses do Partido. Travou-se, então, uma grande luta, um combate aparentemente desigual: de um lado, dezenas de carrascos fardados, armados de brutais e requintados instrumentos de tortura e apoiados pelo poder da ditadura; de outro lado, um simples cidadão, algemado e encapuzado, preso entre as quatro paredes de uma câmara de tortura, mas armado com a ideologia comunista que havia assimilado, defendido e aplicado no curso de mais de 30 anos de militância partidária. Passaram a seviciá-lo: rasgaram-lhe as carnes; rebentaram-lhe músculos; atrofiaram-lhe o sistema nervoso, com choques elétricos; trituraram-lhe ossos; submeteram-no ao tormento da fome e da sede. De sua boca não saíu uma palavra que não fosse de protesto contra seus algozes. Nem mesmo aplicando-lhe tenebrosos suplícios, os verdugos conseguiram desintegrar sua forte personalidade de revolucionário e patriota convicto, nem vencer sua férrea vontade de intrépido e lúcido combatente da causa da classe operária e do povo. A ideologia proletária foi mais poderosa que a brutalidade desencadeada pelos torturadores. Impotentes diante de sua firmeza de aço e ensandecidos pela derrota sofrida, os carrascos de Armando Teixeira Frutuoso executaram a sentença por eles mesmos decretada à margem da lei da própria ditadura: ASSASSINARAM-NO! Depois, seguros da impunidade do crime cometido, mas temendo a opinião pública, espalharam na prisão a notícia de que Armando havia fugido e apresentaram-no como "foragido" no processo encaminhado à Justiça Militar.

Seguindo os exemplos dados por Lincoln Oest, Carlos Danielli, Luís Guilhardini, Lincoln Roque e tantos outros, Armando Teixeira Frutuoso agigantou, mais uma vez, diante do povo, a intimorata figura do comunista que, mesmo e principalmente, na hora da verdade, não vacila em entregar a vida para salvar os companheiros e é capaz de levantar bem alto a bandeira da revolução e de estimular com o supremo sacrifício a continuidade da luta contra seus opressores.

Armando Teixeira Frutuoso era um homem extraordinário, pelas qualidades que possuía. Filho de portugueses, nascido e criado na cidade do Rio de Janeiro, concentrava em si todas as características positivas do povo carioca: modéstia; espírito de fraternidade para com seus camaradas; alegria que nasce e cresce nos morros e se derrama pelas encostas inundando a cidade nos dias de festa, de vitória do clube preferido e, notadamente, no Carnaval; otimismo ante a adversidade; repulsa a todo e qualquer tipo de opressão - tudo isto estava presente no Juca. Ele sabia viver no seio do povo, chorar e rir com as pessoas humildes, misturar-se com elas, tornar-se igual a elas, sempre à frente de suas aspirações e lutas. Era sereno e firme ao enfrentar dificuldades. Nunca esmorecia; nas piores situações, tinha sempre algo alegre a dizer para amenizar o

POLÍTICA de FOME

O aumento do custo de vida tem alcançado proporções extremamente elevadas. Segundo dados divulgados recentemente, pela Fundação Getúlio Vargas, o aumento do custo de vida em fevereiro de 1976 foi de 5,8%, o maior dos últimos sete anos. Nos dois primeiros meses já atingiu 9,6%, o dobro do de igual período do ano passado. Nos últimos meses a alta dos aluguéis foi de 58,2%, dos serviços públicos de 36,1% e da alimentação 35,6%. Ao analisar a evolução dos preços de certos produtos vitais para a população pode-se compreender melhor a repercussão do encarecimento da vida na situação das massas. A carne, por exemplo, alimento essencial, entre 1972/75 teve os seguintes aumentos: alcatra, 222%; chã, patinho, lagarto, 210%; pé, 168%; acém, peito, 119%. O feijão tem tido altas assustadoras. Evoluiu de quatro cruzeiros para sete no ano passado, atingindo atualmente 10 e até 13 cruzeiros. O café, que em 1974 custava Cr$ 9,00 subiu, em 1975, para Cr$ 22,00 e hoje está a Cr$ 32,40. Ou seja, de 1974 até agora houve um acréscimo da ordem de 350% no preço do café. Também foram grandes os aumentos do óleo e do arroz. O leite será aumentado duas vezes este ano e fala-se na alta do açúcar. O delegado da SUNAB em São Paulo expressou, cristalinamente, a política antipopular do regime ao afirmar que "o café é para exportar e não para o povo ficar bebendo, em detrimento da economia nacional. O povo deve estar disposto a se sacrificar para a grandeza do país".

Além da brutal elevação dos preços, muitas mercadorias são vendidas com adulteração no peso. Isto ocorreu no caso do "escândalo do óleo" em que milhares de latas do produto foram apreendidas em vários Estados, pois continham quantidades bem inferiores às indicadas no rótulo. Em Brasília denunciou-se a venda de botijões de gás com 10 quilos, como se tivessem 13.

Há uma quase total liberdade para a abusiva subida de preços. A chamada "política de controle de preços" é praticamente inoperante. Além de incidir de forma mais decisiva sobre os gêneros que compõem o índice do aumento do custo de vida, o regime termina por favorecer os grandes produtores, em detrimento do povo. Foi o que aconteceu com a carne, o óleo, o leite e outros alimentos. Quando os produtores não estão conseguindo obter lucros exorbitantes, simplesmente retiram os produtos do mercado e forçam a ditadura a decidir em função de seus interesses.

O ARROCHO SALARIAL

Enquanto sobem os preços, com vultosos lucros para as classes dominantes, o regime dos militares mantém a "punho de ferro" a política do arrocho salarial. Um ex-deputado federal, cassado, antigo membro da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os salários, afirmou que "a ração básica hoje custa em qualquer supermercado, algo na ordem de 320 cruzeiros por pessoa. Numa família média com dois adultos e duas crianças só a alimentação custaria Cr$ 960,00, em São Paulo". Falando acerca do salário-mínimo, afirmou: "se nós quiséssemos recuperar o poder de compra de 1964 o salário-mínimo deveria ser de Cr$ 1.350,00". Tais declarações foram feitas em novembro de 1975, portanto, não levavam em conta a substancial elevação do custo de vida deste início de ano. Não obstante, o salário-mínimo de São Paulo é de Cr$532,80. Por maior que seja o aumento previsto para maio, ele será irrisório face às necessidades mínimas dos trabalhadores. Há, pois, uma profunda contradição entre o nível dos salários e a alta dos preços. No relatório "Dez Anos de Política Salarial" apresentado à CPI sobre salários, o DIEESE concluiu que em 24 categorias de trabalhadores de todo o país houve uma perda de 30% do poder aquisitivo, ou seja, em 1974 o salário representava pouco mais de 2/3 do que valia em 1964. Em algumas categorias equivalia somente a 44% do valor anterior. Estes dados são mais chocantes quando se sabe do propalado crescimento do PIB neste período. A situação é, pois, cristalina: houve um enorme enriquecimento da burguesia, sobretudo da grande burguesia brasileira e da estrangeira que aqui opera, bem como dos latifundiários, e um empobrecimento progressivo das massas.

A intensificação da exploração da força de trabalho se manifesta sob diversas outras formas. Exemplo disto são as chamadas horas-extras, ardil utilizado pelo patronato para ampliar a jornada de trabalho. Além disto, há a intensificação dessa jornada, a exploração do trabalho de crianças e o trabalho aos domingos e feriados que, embora proibido pela CLT, é uma prática generalizada em inúmeras empresas. CONTINUA NA PÁGINA 11

A causa desta situação reside na política antipopular e antioperária da ditadura. Discursando no Seminário de Salzburg a respeito da fórmula de reajustamento salarial adotado no país, isto é, sobre a política do arrocho salarial, Simonsen afirmou: "A fórmula de reajuste serve para simplificar e destraumatizar a aplicação do reajuste de salários nos dissídios coletivos; esses não são mais decididos na base de pressões ou greves, mas por um rápido cálculo matemático". "Destraumatizar" a aplicação do reajuste significa, para os governantes, impor um salário de fome aos trabalhadores e impedí-los de lutar por seus direitos. A farsa da ditadura de pretender apresentar sua fórmula de reajuste como sendo "técnica, matemática" e não "política", está desmoralizada. O deputado Alceu Colares, presidente da CPI sobre salários declarou que "estamos desmascarando a política salarial do governo alegadamente matemática, mas profundamente política". Qualquer um está cansado de saber que as relações sociais estão regidas não por leis técnicas, frias, mas sim pelas leis da luta de classes. Por isso mesmo o regime procura retirar do proletariado os meios de exigir seus direitos. A prática tem demonstrado que a "fórmula matemática" da ditadura é calculada de maneira a burlar ao máximo a realidade. Assim, o chamado resíduo inflacionário dos períodos seguintes ao do reajustamento sempre foi calculado muito abaixo do que na verdade aconteceu. Com a taxa de produtividade ocorreu o mesmo. Enquanto se falava em produtividade de 7% o índice que entrava no cálculo do aumento salarial era de 3,5%.

Ademais da política salarial várias outras medidas foram tomadas pela ditadura, no sentido de facilitar a maior exploração da classe operária. Discorrendo perante a CPI, o presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte afirmou que "a liberdade de admissão e demissão de empregados concedida pelo FGTS, assim como a lei de greve atualmente em vigor, que praticamente impede sua realização, deixa os patrões bastante à vontade para negar as mínimas reivindicações dos trabalhadores".

Mais recentemente, a ditadura vem alardeando que no ano passado os aumentos salariais estiveram acima do índice de inflação. Sabemos bem, entretanto, como são elaboradas estas estatísticas. De qualquer forma a questão essencial está em restituir ao trabalhador um salário que lhe permita viver com certa dignidade. Não é isto o que o regime pretende. Recentemente, Simonsen anunciou que "o governo não planeja nenhuma alteração substancial na política salarial e que o salário-mínimo a ser fixado em maio continuará calculado em termos da lei". Ou seja, a política salarial de Geisel continua sendo uma política de fome.

A LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

A produção da mais-valia, a apropriação do trabalho não pago, é a característica básica da produção capitalista. No Brasil a taxa da mais-valia ampliou-se consideravelmente com a ajuda da política antioperária da ditadura, estimulando um "crescimento acelerado" da economia, uma acumulação crescente de capitais a custa da miséria dos trabalhadores. A ampliação do trabalho não pago e, portanto, a redução do trabalho pago tem limites. Não somente o limite físico do trabalhador que necessita de um mínimo sem o qual não tem condições sequer de produzir, como também os limites econômicos e sociais. Do ponto de vista econômico o agravamento da exploração capitalista conduz o sistema a uma crise de produção, a um excesso de mercadorias e a um limitado mercado consumidor. Não foram gratuitos os resmungos da burguesia quanto aos "excessos da política salarial" da ditadura. Porém o limite mais decisivo é aquele imposto pela própria luta das massas trabalhadoras.

Em São Paulo, diversos setores da classe operária já fizeram manifestações de protesto e várias greves neste início de 1976. Mil e quinhentos operários da fábrica de calçados Arco-Flex revoltaram-se contra o não pagamento do 13º salário, em dezembro de 1975, destruindo máquinas e sapatos e paralisando a produção. Setecentos trabalhadores da fábrica de isqueiros Component S/A paralisaram o serviço no dia 12 de fevereiro em decorrência do atraso de salários, conseguindo atingir seu objetivo. Na Nebratec, através de um abaixo-assinado, os operários conquistaram uma regulamentação do horário de trabalho, suprimindo o excesso de horas trabalhadas que estavam sendo apropriadas pela firma. Em fevereiro, duzentos operários da SAAD do Brasil, revoltados com o atraso dos salários depredaram duas portarias da fábrica localizada em São Caetano. Em março, mais de oitocentos trabalhadores da Cetenco destruíram os guichês da empresa por demora do pagamento. Manifestações destes tipos indicam, por um lado, que se expressa de forma aguda, sobre as empresas, a situação de crise econômica vivida pelo país. Por outro lado, mostram que as massas trabalhadoras não mais estão dispostas a continuar sendo sugadas em seu sangue para encher os cofres dos capitalistas nacionais e

estrangeiros.

A situação de crise econômica enfrentada pelo país tende a agravar a penúria das massas já que as classes dominantes procuram fazer recair sobre os ombros do povo os ônus da crise. Cabe aos comunistas e aos democratas levantar com vigor a bandeira da luta contra a carestia e por melhores salários, pela liberdade sindical, contra a lei de greve dos generais e em defesa das liberdades democráticas. É indispensável aproveitar cada caso concreto para esclarecer os trabalhadores a respeito de sua situação real. Desenvolver a mobilização das massas por objetivos que expressem suas aspirações do momento. Organizar a classe operária, sobretudo ao nível de empresa. Enfim, combinar a luta da classe operária e das massas com a luta geral contra a ditadura militar-fascista e pela democracia.

::

CONGRESSO DE EMBUSTEIROS

(Continuação da pag. 9)

social-imperialismo, herdeiro das ambições expansionistas do tzarismo russo. Exprime o domínio da nova burguesia burocrática, que colocou sob seu controle a poderosa base econômica nacionalizada do país, dela extraindo através de distintas formas de apropriação, altos proventos para viver de maneira parasitária.

Ao fazer a União Soviética regredir pacificamente do socialismo para o capitalismo e transformá-la numa potência social-imperialista, a camarilha revisionista encheu de júbilo os inimigos da classe operária no mundo inteiro. Mas a máscara que afivelaram está caindo aos pedaços, não pode ser conservada por muito tempo. Estende-se e aprofunda-se o movimento de resistência das forças progressistas e revolucionárias contra todas as suas maquinações e felonias. Em particular, a heróica Albânia Popular Socialista e a grande China Socialista estão na estacada, e são exemplos de edificação do socialismo, de democracia para as massas, de nações independentes e soberanas, de coerência internacionalista. Por isso, estamos seguros de que o fim do revisionismo e do social-imperialismo é inevitável. A classe operária e as massas trabalhadoras soviéticas, apesar de adormecidas ou enganadas, acabarão por despertar e darão outro grande passo adiante, pelo caminho da ditadura do proletariado, em direção ao socialismo e ao comunismo.

As gloriosas tradições bolcheviques não morreram na União Soviética. Confiamos nas previsões do grande Lênin - nas batalhas futuras contra o revisionismo e em defesa do marxismo-leninismo, serão ainda maiores os triunfos da classe operária, do movimento revolucionário.

"Cria-se um impasse entre a expressa vontade da maioria da nação e os intuitos ditatoriais e continuistas dos militares, impasse que só pode ser resolvido com a derrocada do regime arbitrário. Este regime precisa ser liquidado e não "aprimorado"; derrubado e não ajeitado ou adaptado às circunstâncias. Tal a exigência do povo. É também questão de salvação nacional. Sob o governo discricionário, o país marcha para a insolvência, para a completa submissão aos interesses estrangeiros, para a degradação de boa parte da população. Qualquer contemporização com esse regime representa um crime contra o povo e a Pátria".

(Da Mensagem aos Brasileiros, do PC do Brasil janeiro de 1975)